
MANUSCRITOS CULINÁRIOS: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, NARRATIVAS DE SI

Maíra Cordeiro dos Santos
(Universidade Federal da Paraíba)
mairacordeiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A cozinha e as atividades domésticas têm sido, historicamente, relacionadas às mulheres, como atributo natural de sua identidade. Assim como a leitura, a escrita é frequentemente um fruto proibido: mais do que o escrito proibido, é ao mundo calado e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória. A partir daí, no espaço privado, surgiu a tradição dos escritos privados, única escrita permitida às mulheres: cartas, diários, livros de anotações e cadernos de receita culinária, como narrativas de si que se constituem como um abrigo.

A tradição de escrever cadernos de receita compõe a construção identitária feminina, revelando sua memória, sua história e criando uma narrativa de si. O presente artigo pretende observar como as receitas culinárias presentes nos manuscritos contam e recriam o mundo inscrito na memória e escrito pelas mulheres nos manuscritos culinários, analisando a presença dos discursos e subjetividades que constroem e constituem a narrativa de si da mulher.

O estudo do percurso do manuscrito culinário ao longo do século XX e XXI demonstra a memória circunscrita na história feminina e também reflete as transformações pelas quais passa a história feminina: seus gostos, seus gestos, influência das novas mídias, das novas tecnologias, dos novos sabores, das novas identidades globalizadas, da nova cultura. Analisar os manuscritos culinários é revelar, a partir da comida, a memória social e lingüística da mulher: sua “autobiografia”, escrita a partir da vivência de suas narrativas recordadas.

As comidas são signos motivadores da memória individual e coletiva que desenham uma cartografia dos costumes, da vida privada das famílias, mostrando a teia da circularidade dos saberes e as conexões com a memória e a história vivida pelas escritoras.

A comida insere-se como um mito, revelando, assim, a memória feminina, contando as passagens da vida e das relações sociais. A comida é, portanto, uma narrativa mítica e

simbólica, que representa os devaneios, memórias e sonhos não apenas daqueles que comem, mas daqueles que registram na escritura. A comida é o enredo das tradições culturais que denotam páginas da história vivida e atuada pelas mulheres. Da análise, percebe-se que esses manuscritos revelam as escolhas das mulheres que denotam uma prática e uma escrita de si, denotando memórias e narrativas.

1. Manuscritos, memórias, narrativas de si

Segundo Chartier (2002), insistir na importância que manteve o manuscrito após a invenção da Gutenberg, que introduziu a forma moderna de impressão de livros, possibilitando a divulgação e cópia muito mais rápida de livros e jornais, é uma forma de indicar que as novas técnicas não apagam nem brutal nem totalmente os antigos usos, e que a era do texto eletrônico será ainda, e certamente por muito tempo, a era do manuscrito e do impresso.

Nesse sentido, na modernidade, continua-se a prática da escrita de manuscritos, coexistindo com a cultura da impressão. Assim, Chartier (2002), em relação à oposição radical entre *print culture* e *scribal culture*, considera excessivamente simples a idéia da substituição da segunda pela primeira, uma vez que se percebe a manutenção da publicação manuscrita na época da impressão no século XIX e até mesmo o século XX.

Em relação ao manuscrito, Chartier (2002, p. 93) afirma que:

um traço fundamental do manuscrito é a perpetuação da forma de recolha ou da miscelância (...). O manuscrito moderno herda essa estrutura livresca que associa em um mesmo objeto textos de autores diversos e, às vezes, gêneros diferentes. A consequência é o desaparecimento da “função-autor”, isto é, a atribuição da obra ou das obras presentes em um mesmo livro a um nome próprio indecifrável em sua singularidade.

Nesse interesse, a publicação manuscrita mantém a ambigüidade do próprio termo “escritor”: aquele que copiou o livro, assim como aquele que compôs o texto. Nos manuscritos culinários isso ocorre porque, na maioria das vezes, as “escritoras” copiam as suas receitas formando seu caderno a partir de seu gosto, de sua memória, sendo profundamente marcado pelo registro de sua escrita. Assim, Chartier (2002, p. 98) afirma que “as reconstruções da memória ajudadas ou não pelas técnicas estenográficas, estão, assim, na

origem dos manuscritos frequentemente incorretos que serviram para a publicação dos *bad quartos* shakespearianos”

No campo dos estudos da memória, Le Goff (2003) a relaciona, como fenômeno individual e psicológico, à vida social. Para ele, esta varia em função da presença ou da ausência da escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história, acumular objetos. Assim, “a apreensão da memória depende deste modo de ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos de apropriação do tempo” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Segundo De Certeau (1998), escrever é uma prática mítica moderna. Para ele, mito, então, é um “discurso fragmentado que se articula sobre as práticas heterogêneas de uma sociedade e que as articula simbolicamente” (DE CERTEAU, 1998, p. 224). Escrever, portanto, é uma prática social que se articula ao discurso de forma simbólica. A escrita, assim, se torna poder, adquire o direito de corrigir ou domesticar a história.

Os manuscritos culinários são práticas sociais que representam simbolicamente os discursos que circulam na sociedade, em relação às escolhas e gostos da sociedade. A constituição dessa escrita revela, assim, uma escrita que expõe marcas pessoais e sociais da “autora”, constituindo uma espécie de “autobiografia”, escrita de si.

Foucault (2002) assevera que a escrita está associada ao exercício de pensamento. Portanto, o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao gerar o respeito humano e a vergonha. Isso ocorre, sobretudo, com os escritos privados que surgem como uma escrita dos movimentos interiores, uma arma do combate espiritual: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissolve a sombra interior onde se produzem as tramas do inimigo.

Foucault (2002, p. 135) apresenta a categoria dos *hypomnemata* que, segundo ele, “podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro da vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado”. Neles eram registradas citações, trechos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cuja narração se tenha lido, meditações ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior.

Montanari (2008, p. 189), demonstrando o caráter social da escrita e do registro da comida a partir da memória, afirma que:

As histórias que contamos nos lembram que toda cultura, toda tradição, toda identidade é um produto da história, dinâmico e instável, gerado por complexos fenômenos de troca, de cruzamento, de contaminação. Os modelos e as práticas alimentares são o ponto de encontro entre culturas diversas, fruto da circulação de homens, mercadorias, técnicas, gostos de um lado para o outro do mundo. Digamos mais: as culturas alimentares (e as culturas em geral) são mais ricas e interessantes quanto mais os encontros e as trocas tenham sido vivazes e freqüentes.

Assim, como escrita, os manuscritos culinários refletem o mundo “lido” pelas autoras: leitura da sociedade a qual está inserida, das trocas, cruzamentos, encontros, refletindo os modelos e práticas alimentares que constituem sua identidade, transformando-se, assim, em uma narrativa de si, contada a partir das memórias e histórias relativas aos gostos das culturas alimentares.

Segundo Le Goff (2003), a escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, constituindo-a como um elemento essencial da identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.

Para Foucault (2002), os *hypomnemata* não deveriam ser analisados como um simples acessório da memória, que poderiam consultar-se de vez em quando, se a ocasião se apresentasse. Não são destinados a substituir-se à recordação por acaso apagada. Antes constituem um material e um enquadramento para exercícios a efetuar frequentemente: ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros etc. Nesse sentido, as receitas culinárias presentes nos manuscritos não servem apenas para registrar e consultar as comidas, mas servem para transformar o escrito na ação de cozinhar, servindo como suporte da memória da cozinheira, que pode voltar a ler, reler, meditar ou modificar as receitas. São escritos “à mão” no sentido de que se deve poder utilizá-los, logo que necessário, na ação: nesse caso, na ação de cozinhar (performance).

A escrita dos *hypomnemata* é um veículo importante da subjetivação do discurso. Por mais que sejam pessoais, estes *hypomnemata* não devem ser considerados como diários íntimos, ou como relatos de experiências espirituais. Não compõem uma “narrativa de si mesmo”. O movimento que visam executar é inverso desse: trata-se, não de perseguir o indizível, não de desvendar o que está oculto, mas, pelo contrário, de apreender o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si.

Nesse sentido, os manuscritos culinários não refletem uma narrativa puramente individual ou são constituídos como diários íntimos. Ao contrário, as autoras captam os discursos que circulam na sociedade e lêem o mundo, constituindo uma narrativa da memória coletiva a partir do registro das comidas. Esses manuscritos inscrevem-se, também, como memórias de famílias e fonte de história da circulação dos saberes e sabores da comunidade.

Portanto, para Foucault (2002, p. 138), “o objetivo dos *hypomnemata* é fazer da recoleção do *logos* fragmentário e transmitido pelo ensino, a audição ou a leitura, um meio para o estabelecimento de uma relação de si próprio tão adequada e completa quanto possível”.

Foucault (2002, p. 140-141) revela que:

A escrita dos *hypomnemata* fixa os elementos adquiridos e constitui, de certo modo, um “passado” ao qual podemos sempre regressar e recolher-nos. (...) A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva: ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso.

A escritora dos manuscritos culinários constitui, assim, a sua própria identidade mediante a recoleção das coisas ditas e lida na sociedade. “Pelo jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve tornar-se possível formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia espiritual inteira” (FOUCAULT, 2002, p. 144). A escrita é, portanto, o registro dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma, na sua memória.

2. A comida como expressão de culturas e de identidades

Sírio Possenti (2009) revela que o modo de fazer das receitas culinárias resulta de uma cultura, de práticas talvez centenárias, a partir das quais, com aqueles ingredientes, pode-se fazer um prato que seja típico ou delicioso, conforme o que der mais prestígio no dado contexto social. Pode ser que, originalmente, nas primeiras comunidades, o provedor ou o caçador fosse o responsável pelos ingredientes e uma matriarca, pelo modo de fazer o prato – caberia a ela propor uma mistura agri-doce ou uma experiência com pimenta. A lista de ingredientes informa o que se deve conter para que um prato seja um ou outro.

De acordo com Possenti (2009), as receitas culinárias são constituídas de duas partes, divididas pelos títulos “ingredientes” e “modo de fazer”. O autor esclarece que essas partes

são diferentes, não apenas porque estão divididas por títulos, mas porque são oriundas de dois lugares sociais distintos: decorrem de dois tipos de saberes, de duas fontes, já que é comum uma mesma lista de ingredientes resultar em pratos bastante distintos. Para Possenti (2009, p. 40), “uma lista de ingredientes e os modos de prepará-los são, digamos, discursos de fontes diversas e que tratam de questões diferentes”. Continua o autor afirmando que uma receita composta dessa maneira “é heterogênea, polifônica, é uma costura de diversos discursos, cada um proveniente de um espaço social específico” (POSSENTI, 2009, p. 41).

Nesse sentido, Montanari (2008) explica que a comida é expressão da cultura não apenas quando produzida, mas também quando preparada e consumida. A linguagem alimentar representa identidades, posições sociais, gêneros, significados religiosos e, por esse motivo, ela é ostentatória e cenográfica.

Para Montanari (2008, p. 79), os comportamentos alimentares são resultado “não apenas de valores econômicos, nutricionais, salutar, racionalmente perseguidos, mas também de escolhas (ou de coerções) ligadas ao imaginário e aos símbolos de que somos portadores e, de alguma forma, prisioneiros”

De acordo com Montanari (2008, p. 95-96):

a comida não é “boa” ou “ruim” por si só: alguém nos ensinou a reconhecê-la como tal. O órgão do gosto não é a língua mas o cérebro, um órgão culturalmente (e, por isso, historicamente) determinado, por meio do qual se aprendem e transmitem critérios de valoração. (...) A definição do gosto faz parte do patrimônio cultural das sociedades humanas. (...) Mas o “gosto” é também *saber*, é avaliação sensorial do que é bom ou ruim, do que agrada ou desagrada: e essa avaliação, como dissemos, vem do cérebro antes que da língua.

A definição do gosto faz parte do patrimônio cultural das sociedades humanas e as escolhas alimentares dos indivíduos e dos povos são sempre determinadas por um cálculo (mais ou menos consciente) das vantagens e desvantagens conseqüentes. O “bom para comer”, ou seja, o que *convém* comer, historicamente se torna o “bom para pensar”, o valor cultural positivo.

Assim como a língua falada, o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, além de ser depositário das tradições e da identidade de um grupo. “Constitui, portanto, um extraordinário veículo de auto-representação e de troca cultural: é instrumento de identidade, mas também o primeiro modo de entrar em contato com culturas diversas” (MONTANARI, 2008, p. 183).

Como se pôde observar, a comida não apenas serve de alimento para o corpo, mas também reflete a cultura e identidades das sociedades. Essas identidades refletem-se nas autoras das comidas e dos cadernos de receita, pois, a partir dos manuscritos, as mulheres transparecem sua identidade, memória e cultura. Assim, a comida marca o elemento de identidade social das autoras: gostos, idade, região, classe social, nível de escolaridade: mapas das relações humanas constituindo um código histórico/sociológico/antropológico. O manuscrito reflete, ainda, a marca pessoal da escrita da autora e o arquivo de sua memória, os costumes e a tradição de uma época que ficam registrados na escritura.

3. Narrativas de si e memórias femininas nos Manuscritos Culinários

Os cadernos de receitas culinárias são a materialidade da identidade atribuída às mulheres, desde os tempos antigos, nas sociedades patriarcais relativa às atividades domésticas. Para tanto, esses cadernos guardam a memória feminina: a história das cidades, dos laços que permeiam o gosto coletivo e individual e memória individual de ser mulher. Permeia, ainda, a memória das tradições, das inovações, manifestando um hibridismo entre o passado e o presente e indicando as projeções para o futuro.

Mesmo com as máquinas de datilografar, computador, com os novos utensílios trazidos pelo mundo moderno, a tradição dos manuscritos revela a relação das memórias pessoais com o texto escrito de cada mulher, relação bastante influenciada por uma memória coletiva, que revela a afinidade e o envolvimento da mulher com seu mundo e com a sociedade.

Bosi (1994) afirma que na memória familiar, a figura materna – feminina – pode ser descrita por traços físicos ou morais, ou mesmo através de seu trabalho, mas constitui uma figura central na cadeia familiar. E as lembranças giram, sobretudo, em torno da alimentação. Penetrar na casa em que estão objetos biográficos é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores. Assim também são os manuscritos culinários que revelam uma memória de família e de quem é seu dono. Segundo Bosi (1994, p. 418), “o tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”.

Segundo Perrot (2005), muitas mulheres ficaram, historicamente, restritas ao espaço privado e a única escritura que lhes era permitida eram os escritos privados, como os cadernos de receita culinária. Por meio da escrita de receitas as mulheres registravam a história da vida

e da cultura da sociedade a que estavam inseridas, representando seus gostos e também as coerções que lhes eram impostas pela sociedade.

Stearns (2007) afirma que, culturalmente, os sistemas patriarcais enfatizaram a fragilidade das mulheres e sua inferioridade. Insistiam nos deveres domésticos e, algumas vezes, restringiam o direito de as mulheres saírem em público. O alcance do patriarcado foi poderoso e extenso, atingindo a maioria das sociedades ocidentais antigas e chegando às modernas, mesmo que de forma desigual em cada uma delas. Assim, muitas mulheres ficaram isoladas no sistema do espaço privado.

O legado da colonização no século XVI e XVII imprimiu marcas nos séculos posteriores em relação à condição feminina que a restringia ao espaço privado (doméstico). Perrot (1991) expõe que no século XIX é narrada toda a história do novo ideal doméstico: pretendem-se moralizar com as virtudes da boa dona de casa as mulheres das classes operárias. As da pequena nobreza se convertem às práticas de uma sociabilidade mais íntima e transformam seus castelos em interiores domésticos. Para as mulheres, as atividades domésticas (cada vez mais reservadas às da burguesia e das classes superiores) eram consideradas como as mais adequadas ao desenvolvimento das práticas cristãs.

A seguir, serão examinadas algumas imagens dos cadernos a fim de analisar as identidades e memórias culturais e discursivas presentes na escrita feminina dos manuscritos, constituindo uma escrita de si.

A primeira imagem mostra a contracapa de um caderno de receitas em que há algumas frases-pensamentos: “a verdadeira amizade deixa marcas positivas que o tempo não pode apagar”, “não pize hoje tanto quem você poderá amar amanhã”, “no amor não existe medo, antes o perfeito amor lança fora o medo”, “é triste a tua partida, e mais triste é viver sem você”¹. Esses pensamentos revelam as marcas femininas construídas em sua memória: a amizade e o amor. As mulheres foram criadas, historicamente, sobretudo, para casarem e perpetuarem. Ainda que as representações no mundo moderno tenham mudado e a mulher de hoje tenha uma emancipação e independência, as marcas do amor e do casamento continuam a permear a sua memória, sobretudo quando se vive em sociedades tradicionais interioranas, como a autora deste caderno. Percebe-se, portanto, a materialidade do amor perfeito que a mulher deve encontrar em seu “príncipe encantado” das histórias infantis.

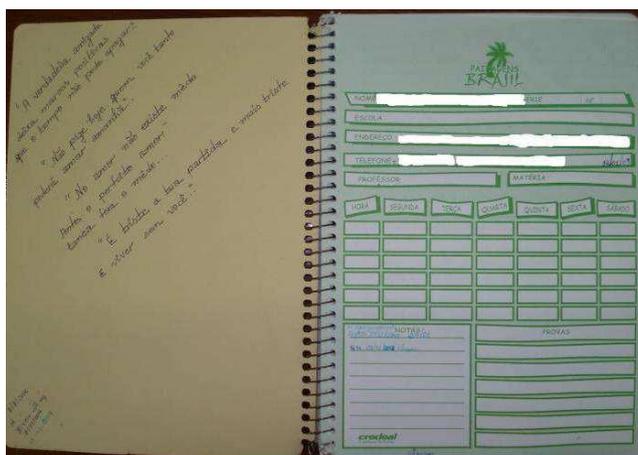
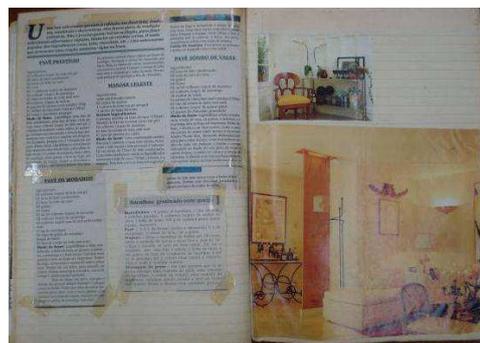


Imagem 01 – Caderno de Receitas de Dona Lúcia Gomes. Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse sentido, as imagens 02 e 03 demonstram um aspecto que aparece em muitos cadernos de receita e que faz parte da memória e das representações femininas: o cuidado com a etiqueta e a decoração dos ambientes domésticos. Assim, cabe à mulher não apenas o cuidado com a cozinha e com a alimentação da família. Ela deve saber etiqueta para se portar dentro e fora de casa; deve ter noções de decoração dos ambientes da casa e deve saber como receber pessoas. A mulher deve ser completa em todos os afazeres domésticos, inclusive nos que dizem respeito à boa educação. Uma boa mãe é aquela que educa seus filhos, sobretudo suas filhas, e lhes dão educação para se comportarem nos ambientes sociais a que a família pertence.

Na imagem 02, vê-se uma questão de etiqueta – o dilema dos talheres: saiba quais usar – demonstrando a preocupação com as formalidades e coerções impostas pela sociedade tradicional, de como saber usar determinados talheres em determinados tipos de contexto de comida diferentes. Na imagem 03, há cenas de decoração de quarto e sala apontando, num caderno de receitas, a preocupação com outros ambientes domésticos além da cozinha.

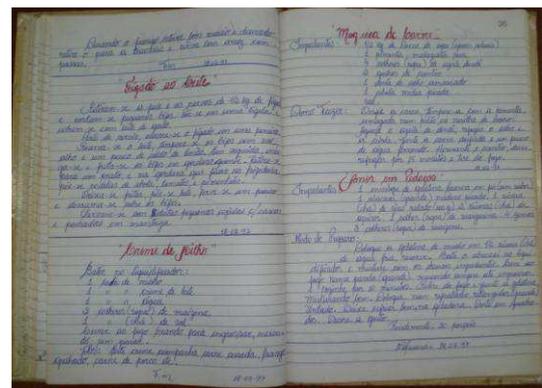
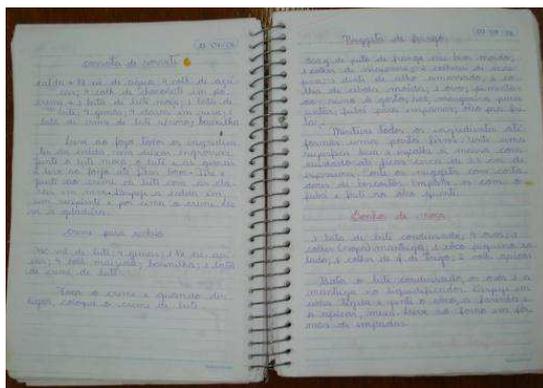


Imagens 02 e 03– Caderno de Receitas de Dona Marivone. Fonte: Arquivo Pessoal.

As imagens 04 e 05 revelam outros aspectos da identidade feminina presente nos cadernos, influenciada pelos discursos e memórias sociais e culturais que permeiam a vida das autoras. O culto ao amor sempre foi um aspecto importante na identidade feminina. Como visto anteriormente, as mulheres são criadas, desde crianças, a se identificarem com as questões da maternidade, do casamento, do amor, constituindo, todos eles, o “sonho das moças”.

Assim, a memória discursiva e cultural dessas mulheres as remete a representações femininas relacionadas aos aspectos do amor, da amizade, do trato com a casa, da etiqueta e do casamento. Dessa maneira, a partir da comida eles refletem as memórias culturais da comunidade em que vivem e que formam suas identidades e representações ao longo de suas vidas.

Na imagem 04 e na imagem 05 aparecem as receitas denominadas “sonho de moça” e “amor em pedaços”, respectivamente. Mas, que conjunto de ingredientes seria necessário para elaborar um sonho de moça ou um amor em pedaços? Será que se coloca uma porção de sonho, duas colheres de moça, e uma xícara de amor batida no liquidificador? Se não existem esses ingredientes, o que faz essas receitas serem denominadas dessa forma? É a memória social e discursiva que está refletida e expressa nessas receitas, revelando as identidades e representações femininas ligadas ao amor, casamento e à maternidade.



Imagens 04 e 05 – Caderno de Receitas de Nadia e Maria José, respectivamente. Fonte: Arquivo Pessoal.

Assim, novas identidades e representações femininas estão sendo constituídas no enlace da tradição com a modernidade, de acordo com o entrecruzamento dos discursos que os compõe. Portanto, por mais que uma mulher seja independente, livre, emancipada, nada as impede de “fazer um bolo em forma de coração” e de “não ter vergonha de ser romântica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, verificou-se que a comida se apresenta como elemento crucial da identidade humana e como um dos mais diligentes instrumentos capaz de comunicá-la. Assim, a cozinha é um símbolo da civilização e da cultura.

As identidades não são realidades transcendentais (o “espírito dos povos”) e nem estão circunscritas no patrimônio genético de uma sociedade: elas se modificam e se redefinem incessantemente, adaptando-se a situações sempre novas, determinadas pelo contato com culturas diversas. As identidades alimentares (e culturais, em geral) são, assim, produto da história, apenas parcialmente determinadas pelas situações ambientais e geográficas.

É certo que as identidades e representações femininas não são estanques nem iguais em todos os lugares e tempos. Ao contrário, elas vão se modificando de acordo com a cultura, os discursos e com os jogos de símbolos e linguagens presentes em cada comunidade em cada momento.

Conforme analisado, percebemos uma grande influência da tradição e da memória social e discursiva nas identidades e representações femininas ligadas à família, ao casamento, ao amor, à maternidade. Mas percebemos, também, que essas identidades estão se ligando a novos discursos da modernidade e formando novas identidades e representações femininas. E esse caminho de transformações está só no começo.

¹ Mantém-se o registro ortográfico da autora.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel. *Invenção do cotidiano: artes do fazer*. V. 1. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

FALCI, Miridan Konx. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 4. Ed. São Paulo: Passagens, 2002.

IMAGENS 01 a 05. Arquivo pessoal.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. Ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Senac, 2008

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. (org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.